

Arte ou terror: a estetização da política no começo do século XXI¹

Ludmilla Reis Rolim / UFOP

Resumo

O presente trabalho propõe uma reflexão crítica sobre alguns aspectos da arte e da estética na contemporaneidade. Amparados pelos ensaios “Teorias do fascismo alemão”, “A doutrina das semelhanças” e “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, de Walter Benjamin, enfrentamos uma polêmica reflexão presente no artigo “5 *avantgardes... or none?*” do pesquisador norte americano Richard Schechner. O artigo de Schechner abre espaço para o argumento que procura aproximar o ato terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 ao conceito de arte. O pensamento sobre arte tornou-se tão exacerbadamente relativizado que propostas como a de Schechner parecem contextualizadas. Entretanto, se deparar com conclusões dessa natureza parece fazer soar um alarme de alerta. Possivelmente muito semelhante aos que Benjamin imaginava, anunciariam a chegada dos aviões e seus gases mortíferos na Alemanha de 1930. Só que na guerra de hoje, quem são os vencedores, quem são os vencidos? Qual a finalidade da técnica? Para onde converge a estetização da política? Como será possível esta arte? Investigamos como as reflexões de Benjamin para essas indagações se deslocam, quando situadas nesse prisma atual.

Abstract

This article proposes a critical overview on some aspects of contemporary arts and aesthetics. Through Walter Benjamin's "Theories of German Fascism", "Doctrine of the Similar", and "The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction" we face a polemic issue presented by Richard Schechner in his conference "5 *avant-gardes... or none?*". In his conference Schechner opens space to argue about relating the events occurred in September 11th of 2001 to the concept of art. The concept of art has become so overwhelming relative that proposals like Schechner's seem up-to-date. Though, once we reach conclusions of this nature; an alert seems to sound. Probably very similar to those, Benjamin imagined, would announce the arrival of airplanes filled with deadly gases in the Germany of the 30's. But in today's war, who are the winners, and who has been wan? What are the goals of the techniques? Where does the aesthetization of politics lead to? How can art be possible? We investigate how Benjamin's thoughts about these questions are replaced when related with this present-time prism.

¹ Esse texto foi apresentado durante uma comunicação no III Seminário do Mestrado em Estética e Filosofia da Arte da UFOP, na mesa 1 do dia 22 de Maio de 2008.

Bom dia. Essa comunicação propõe uma reflexão sobre alguns aspectos da arte e da estética na nossa contemporaneidade. Digo nossa contemporaneidade porque a perspectiva que aqui proponho diz respeito ao que se compartilha no espaço-tempo-agora, tanto na particularidade dessa sala em que nos reunimos, quanto no contexto global que este lugar se insere, conscientemente ou não, passiva ou ativamente, aceito ou negado, ainda assim compartilhado. Este lugar do agora, comporta não somente essa situação imediata em que vos comunico essas palavras e vocês as escutam, como também as memórias que temos de infinitas outras coisas que aconteceram, acontecem, acontecerão e, arrisco dizer, comporta também aquilo que nem acontece. Diante disso, essa reflexão é premiada por um tanto de insignificância, o que nos serve de desculpa para cometer certas imprudências.

A primeira delas será revelar que a comunicação foi escrita somente algum tempo depois de termos o resumo e o título aprovados pela comissão organizadora do evento. Talvez isso pareça de muito pouco interesse. No entanto, foi neste ocorrido que vislumbramos um ponto de partida eficaz. O título proposto era: “Arte e terror: a estetização da política no começo do século XXI”. No entanto, quando divulgado pelo evento ele sofreu uma pequena modificação e publicaram: “Arte ou terror: a estetização da política no começo do século XXI”. É claro que logo percebemos que essa modificação não era tão pequena assim. Mas o texto ainda não estava nem escrito, faltavam argumentos para a própria autora se decidir qual dos dois seria a melhor opção e, ciente de que isso era provavelmente resultado de sua própria displicência, terminou por deixá-lo como estava e afirmar a “sincronia” desse acidente. Ele era produtor.

Por um lado “arte e terror” arrisca a presunção de intencional uma espécie de adjetivação do que quer que estivermos propondo – neste caso, a estetização da política no começo do século XXI, se é que há alguma. Tal risco é, em grande parte, aliviado pela indagação que é imanente à opção “arte ou terror”. Por outro lado, o próprio estatuto dessa pergunta já não impõe a necessidade de solucionar essa equação? Escapamos a essa imposição se trazemos para o jogo o pensador que ampara essa reflexão, Walter Benjamin. A natureza aporética da filosofia de Benjamin poderia ser facilmente evocada para justificar fazermos perguntas para as quais não ambicionamos, de fato, encontrar respostas conclusivas.

Ainda assim, “arte ou terror” nos causa estranhamento. Propor tal indagação parece, no mínimo, um equívoco conceitual. Podemos colocar arte e terror lado a lado como se fosse possível escolher entre um ou outro? Apenas se tomássemos a idéia de arte em sua atribuição valorativa, classificadora, e não substantiva. De maneira semelhante, “terror” precisaria se

deslocar de sua corriqueira função descritiva, de caracterização de sentimentos ou estilos, para se tornar, por sua vez, mais ontológica, no sentido vulgar do termo.

Esse último deslocamento, o da palavra “terror” nos interessa na medida em que o objeto específico de nossa problematização é o atentado terrorista ocorrido em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, que tem na imagem das duas torres do *World Trade Center* sendo atingidas por um Boeing, queimando e em seguida se reduzindo a pó, uma das mais impressionantes seqüências já produzidas nesse começo de século XXI. Isso, atrelado ao fato de que tal imagem não é produto dos efeitos especiais da indústria cinematográfica norte americana, mas se trata da mais pura realidade, aproxima essa imagem às canônicas e repugnantes imagens do terror (no sentido ontológico do termo) que a humanidade já havia produzido no século passado.²

Se ousássemos subtrair desse fato, seu estatuto de realidade sensível – o cheiro de cimento, plástico e sangue queimado mesmo que omitidos pela distância confortável do monitor da televisão, os ruídos dos gritos, vidros estalando e vigas de aço se rompendo mesmo que abafados por uma trilha de suspense e a voz de um repórter tentando descrever e justificar o acometimento de um quadro tão espantoso – a potência dessa imagem nos é estranhamente familiar, como se nela pudéssemos reconhecer um tanto de semelhança. Claro, forçamos aqui a idéia benjaminiana de semelhança, profanamos o próprio desvio. Que ironia lembrar que naquele mesmo setembro de 2001, a promoção de lançamento da superprodução cinematográfica *Homem-aranha*, veiculava a imagem tecnicamente perfeita de uma teia gigantesca entre as duas torres de Manhattan capturando um helicóptero. Só que essa hipótese não existe, a realidade do fato desmoraliza a anedota, rompe a semelhança.

Nesse sentido, a palavra terror enquanto descrição de um sentimento também é adequada. Quando nesta comunicação falamos em arte, falamos na substancialidade da arte, relacioná-la a um episódio como o 11 de setembro suscita em nós esse sentimento.

Mas aqui ainda não se encerra a querela do título desta comunicação. É preciso refletir também sobre o que se segue: a estetização da política no começo do século XXI. Propor o conceito de estetização da política é uma citação óbvia das reflexões de Walter Benjamin. Apesar do contexto em que Benjamin reflete sobre a estetização da política ser

² Considero essas “imagens do terror ontológico” do século passado acontecimentos como o Holocausto, a bomba de Hiroshima, a fome na Etiópia, entre outros.

significativamente diferente do obsessivo cenário de que dispomos, o resultado dessa estetização permanece o mesmo: a guerra.³

O que nos encontra hoje é uma situação paradoxal em que a Arte se desvincula da estética na mesma medida em que esta, através dos mecanismos técnicos da indústria cultural, impregna todos os âmbitos da experiência, ou como diria Benjamin, da escassez de experiência contemporânea. A propósito da estetização da política, para tratar de nosso objeto mais amplo, há uma tendência de massa à legitimar a mitificação estética, que a indústria cultural e da informação tecnocrata nos apresenta a respeito dos chefes de estado e seus planos para o “bem comum da humanidade”. Enquanto cidadãos-espectadores, aceitamos o jogo, votamos, sonhamos com nossa salvação heróica, mas não somos capazes de posicionamentos ético-políticos minimamente lúcidos, coerentes e à altura da realidade que se apresenta. Um estado de coisas muito mais próximo do trágico diagnóstico profetizado por Adorno⁴, do que do otimismo benjaminiano de que a técnica nos conduziria à reconciliação.

O chefe de estado, já faz mais de dois séculos, está reconhecidamente desempossado por Hegel⁵ do seu estatuto de herói, pois o poder transformador do herói está submetido ao

³ “*Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Este ponto é a guerra. A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes*”.

In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. P.195

⁴ Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer desenvolvem em seus fragmentos teses que apontam para o quanto o domínio da indústria cultural criaram um arcabouço complexo e indezessável para a manutenção do poder das minorias que controlam a técnica, capaz engolir e fazer alimentar sua própria manutenção, qualquer tentativa de esclarecimento ou mesmo de recusa da ordem estabelecida. O assunto demanda maior aprofundamento, entretanto não nos deteremos nele agora, para não fugir do nosso foco. Esse trecho do prefácio da obra acima citada ajuda a esclarecer o caminho tomado por Adorno e Horkheimer. “(...)Se uma parte do conhecimento consiste no cultivo e no exame atentos da tradição científica (especialmente onde ela se vê entregue ao esquecimento com um lastro inútil pelos expurgadores positivistas), em compensação, no colapso atual da civilização burguesa, o que se torna problemático é não apenas a atividade, mas o sentido da ciência. O que os fascistas ferrenhos elogiam hipocritamente e os dóceis especialistas da humanidade ingenuamente levam a cabo, a infatigável autodestruição do esclarecimento, força o pensamento a recusar o último vestígio de inocência em face dos costumes e das tendências do espírito da época. Se a opinião pública atingiu um estado em que o pensamento inevitavelmente se converte em mercadoria e a linguagem em seu encarecimento, então a tentativa de pôr a nu semelhante depravação tem de recusar lealdade às convenções lingüísticas e conceituais em vigor, antes que suas conseqüências para a história universal frustrem completamente essa tentativa.”

In: ADORNO, T e HORCKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. P. 04

⁵ “Os monarcas de nossa época não possuem mais em suas mãos as decisões de governo as mais importantes; eles não promulgam mais eles mesmos o direito; as finanças, a ordem e a segurança civis não são mais seu negócio próprio específico, a guerra e a paz são determinadas por meio de relações políticas e estrangeiras universais, que não pertencem à condução e poder particulares; e se cabe a eles a decisão suprema e última no que concerne a todas estas relações, o autêntico conteúdo das deliberações, porém, pertence no todo menos à individualidade de sua vontade pelo fato de já estar propriamente afirmado por si mesmo, de tal modo que, no que se refere ao universal e o que é público, o cume da própria vontade monárquica subjetiva é apenas de espécie formal.”

In: HEGEL, GWF. *Cursos de Estética* – vol I. Parte 1, capítulo 3. P. 202 – parágrafo 254

mecanismo regulador, inquestionável e burocrático da máquina estatal. Esta sim determinadora da síntese oferecida às massas. Reconhecemos ainda que esta máquina hoje – e nesse sentido a visão de Marx⁶ procede – é determinada pelo poder do mundo financeiro bem mais que pelo dos “estados nação”. Só que a imagem estetizada desta máquina propõe o contrário.

O ceticismo que resultou na desarticulação dos sistemas de poder fundamentados na fé e na religião está substituído pela síntese do capital. A lógica do acúmulo, consumo e desperdício infinitamente progressivo, que essa síntese preconiza, mesmo que insustentável, impõe-se como religião. O mito adorado neste sistema não é, entretanto, a burocracia do capital – mesmo que ela fundamente essa “teologia”, ela é mantida em segundo plano – o mito é feito de uma overdose de pessoas, produtos e imagens-padrão a serem seguidos, perseguidos, a todo custo, no sentido maquiavélico da coisa. Esses deuses de todas as cores, formas, preços e feitios, ainda nos oferecem, a cada dia, uma nova oportunidade de iluminação. Não mais a epifania profana, surrealista, embriagada e lúdica do camponês de Paris diante dos recém-nascidos deuses no rosto de vidro da metrópole moderna. A epifania que nos oferecem hoje ludibria perniciosamente, é uma iluminação diabólica.

Por exemplo, o herói mítico da figura mediatizada do presidente Obama é sustentado por noticiários de pandemias avassaladoras, postos lado a lado de uma banalidade qualquer, como a beleza do sorriso da primeira dama, ou o resultado do jogo de futebol, que naturalmente desviam a atenção das massas – desvios esses providenciais para alimentar os cofres da máfia farmacêutica e a atrofiação resignada da mente das massas consumidoras – assim, fazem parecer benevolente, a migalha oferecida pelos EUA como auxílio na tragédia humanitária que acomete o Paquistão. A calamidade de 2 milhões de refugiados da guerra contra o Talibã, ao que parece, já estava arquitetada sob a insígnia da revanche que justificou as investidas bélicas contra o oriente médio desde os atentados de 11 de setembro.

A propósito deste episódio, então, como é possível realizar essa empresa de aproximá-lo do conceito de arte? Apesar de reconhecer os riscos implicados é essa a sugestão de Richard Schechner na conclusão de sua conferência: “5 avantgardes... or none?”, assunto que aprofunda em um artigo mais recente, ainda não publicado, “9/11 as avant-garde art?”,

⁶ Evocamos Marx, a partir de uma leitura vulgar de sua teoria, que observa que os interesses dos jogos de poder da humanidade sempre estiveram relacionados ao capital. Hoje a manifestação desse poder do capital se dá através das forças que fazem girar as maiores economias do planeta. São elas os oligopólios, conglomerados e cartéis da economia mundial e ilegal das drogas e das armas e também das economias globais legalizados das indústrias de energia, farmacêutica e alimentícia. É claro, não podemos deixar de lado, a indústria espetacular do entretenimento, da informação e da mídia, cuja operação permeia todas as outras.

compartilhado por correspondência eletrônica com o autor.⁷ Schechner é, entre outras coisas, professor do núcleo de estudos da performance da Universidade de Nova York, autor de diversos livros que versam sobre arte e também sobre a teoria da performance, linha de estudos da qual ele próprio é um dos fundadores tanto no segmento das artes, quanto no da antropologia. Este judeu norte americano teve o assombroso privilégio de assistir à destruição das torres gêmeas da varanda de seu apartamento em Manhattan.

A proposta de Schechner não se propõe a investigar a aplicação do conceito de arte nas múltiplas obras produzidas por artistas depois do atentado. Como ele mesmo comenta, nesse gesto há pouca novidade. “Goya, Picasso, Shakespeare, só para citar alguns, já produziram obras primas inspiradas pelo terror da guerra”⁸. O que Schechner almeja é apontar sob quais aspectos o ataque terrorista em si pode ser relacionado ao estatuto de arte.

O polêmico comentário feito depois dos atentados pelo músico alemão Karlheinz Stockhausen é fundamental na reflexão de Schechner. Traduzimos do inglês a colocação de Stockhausen que Schechner apresenta:

Os ataques de 11 de setembro são a maior obra de arte imaginável em todo o cosmo. Mentos alcançando em um gesto aquilo que não poderíamos nem sonhar na música, pessoas ensaiando como loucas durante 10 anos, se preparando fanaticamente para o espetáculo, e então morrendo, apenas imagine o que aconteceu lá. Você tem pessoas focadas em uma performance e depois 5000 pessoas são despachadas para outra vida em um só momento. Eu não poderia fazer isso. Nós compositores, em comparação, somos nada. Artistas também tentam, algumas vezes, ir além do concebível, do que pode ser feito, para que despertemos, para que abramo-nos para um outro mundo. (...) É um crime porque aqueles envolvidos não consentiram. Eles não vieram para o “espetáculo”. Isso é óbvio. Ninguém os anunciou que eles estariam arriscando perder suas vidas. O que aconteceu, em termos espirituais, surpreendeu a segurança do que era presumível, da vida. Isso também acontece com a arte, numa pequena extensão, sem isso a arte não é nada.⁹

⁷ O texto “Five avant-gardes... or none?”, é uma atualização de escritos mais antigos do autor, que ele apresentou em conferência em Belo Horizonte e São Paulo, dentro da programação do ECUM 2008 – Encontro Mundial de Artes Cênicas. Já o segundo texto “9/11 as avant-garde art?”, é um trabalho mais recente, ainda não publicado que tive a oportunidade de compartilhar com o autor, através das correspondências que mantemos entre nós.

⁸ SCHECHNER, R. “Five avant-gardes... or none?”. Op. Cit.

⁹ “[The attacks of 9/11 were] the greatest work of art imaginable for the whole cosmos. Minds achieving something in an act that we couldn't even dream of in music, people rehearsing like mad for 10 years, preparing fanatically for a concert, and then dying, just imagine what happened there. You have people who are that focused on a performance and then 5,000 [sic] people are dispatched to the afterlife, in a single moment. I couldn't do that. By comparison, we composers are nothing. Artists, too, sometimes try to go beyond the limits of what is feasible and conceivable, so that we wake up, so that we open ourselves to another world. [...] It's a crime because those involved didn't consent. They didn't come to the 'concert.' That's obvious. And no one announced that they risked losing their lives. What happened

De fato, e a reflexão de Schechner caminha nesse sentido, há mais de um século que os gestos dos artistas nos apresentam contínuos e violentos ataques aos sistemas estéticos, sociais e políticos estabelecidos. O universo da arte que produz choque e ruptura é enorme e ainda presente na proposta de diversos artistas dessa contemporaneidade. Como Schechner bem exemplifica em sua conferência, diversos artistas exploram tabus como o sexo explícito, a *bodyart*, mutilação e sofrimento infligidos em animais vivos ou mortos, até mesmo a antropofagia – no sentido literal do termo –, e suas propostas estão presentes em performances e obras inscritas em bienais internacionais de arte. Essas obras são facilmente classificadas pelos atributos de terror e obscenidade sem que isso, no entanto, e não sem certa polêmica, deslegitime a inclusão desses gestos e propostas em eventos de arte. A relativização absoluta desse conceito permite tais contingências.

É certo que os Jihadistas que protagonizaram os ataques às torres gêmeas não ambicionavam criar uma obra arte, jamais se inscreveriam numa bienal, entretanto o espetáculo fazia parte do plano.¹⁰ Era de se supor que nosso veloz e sensacionalista aparato midiático daria ao ato de fé deles uma *extantânea* exposição massiva e que o gesto acometeria de assombro, não somente os Estados Unidos, como todo o globo. Mas se os próprios Afegãos recusariam o estatuto de arte para localizar seu gesto, pode haver arte nele? Parece ser o que Stockhausen apaixonadamente declara, é também o que Schechner aprofunda no seu artigo mais recente.

Antes de prosseguir, contudo, nos parece crucial atentarmos para este ponto a que chegamos. Aguçar os ouvidos para perceber os relatos deste tempo que de algum modo legitima a reflexão acerca de uma hipótese tão antitética: o 11 de setembro como uma grandiosa e sublime obra-de-arte.

As contingências antes mencionadas, que criaram espaço para que a arte contemporânea repercuta de maneira a extrapolar tantos limites citados anteriormente, inclusive aqueles éticos, tem a ver com certa radicalização em que a idéia da autonomia da

in spiritual terms, the leap out of security, out of what is usually taken for granted, out of life, that sometimes happens to a small extent in art, too, otherwise art is nothing.”

STOCKHAUSEN, Karlheinz. In: SCHECHNER, R. Op Cit.

¹⁰ “*Spectacularly*, the American state suffered a defeat on September 11. And spectacularly, for this state, does not mean superficially or epiphenomenally. The state was wounded in September in its heart of hearts [...]. [T]he horrors of September 11 were designed above all to be visible [...]. September’s terror was different [than the fire bombing of Dresden or the atom bombing of Hiroshima]. [...] It was premised on the belief (learned from the culture it wishes to annihilate) that a picture is worth a thousand words – that a picture, in the present condition of politics, is itself, if sufficiently well executed, a specific and effective piece of statecraft.”

arte repercutiu. Mas se havia um espetáculo programado para os atentados, ele era um espetáculo político, um espetáculo religioso; se o 11 de setembro deve ou pode ser encarado enquanto arte, é possível experimentá-lo autonomamente? Sem levar em conta as implicações éticas, políticas, nele contidas?

Schechner é cuidadoso ao propor esse despojamento para encarar o tema sem que sua reflexão se torne apologética – é claro que o autor, de maneira alguma aprecia o gesto nesse acontecimento, ele também não pretende desrespeitar as vítimas, a dor dessa colossal tragédia. Entretanto ele nos propõe esse jogo: “a obra” - mesmo que de extremo mau-gosto, mesmo que ilegal - por que não: “de arte”?

Naquele dia, a varanda de seu apartamento em Manhattan tornou-se repleta de amigos e vizinhos curiosos que sabiam do privilégio da sua vista, todos eles espectadores no espaço-tempo-agora daquele poderoso espetáculo. O avião do avanço, do esplendor do domínio da técnica pelo homem; e o *World Trade Center*, as torres mais altas do mundo dos sucessos corporativos, no coração da gloriosa *New York, New York* - ambos atores de um espetáculo de proporções épicas e sem precedentes, compartilhado tecnologicamente e ao vivo por milhares de milhões de pessoas dos quatro cantos deste planeta.

Schechner percebe que esses atentados têm um alcance muito além dos prejuízos públicos e privados, além do saldo de vidas perdidas. Os ataques de 11 de setembro atingiram com impactos avassaladores e assustadores o “imaginário subjetivo das massas”¹¹ americanas e também mundiais que estiveram interconectadas por imagens de satélite. Parece ser justamente essa repercussão no imaginário do público o que Stockhausen tem em mente como atributo fundamental da arte quando comenta: “Algo capaz de fazer abrimo-nos para um novo mundo”.

Entretanto, o engajamento de Stockhausen não é político, mas sim com a própria arte; e em seu comentário sobre os atentados a dimensão política está de fato – e isso interessa Schechner – ignorada. O que fascina o músico alemão são as implicações mesmas de toda performance que envolve o acontecimento, sua longa preparação, sua espetacularidade inédita, o estrondoso e fatal efeito nos espectadores.

De fato, o evento envolve uma experiência coletiva cujos efeitos são muito profundos. Nas palavras de Stockhausen: “O que aconteceu, em termos espirituais, surpreendeu a segurança do que era presumível, da vida”. De certa maneira, parece-nos que esta constatação

BOAN, Ian; CLARK, T. J.; MATHEWS, Joseph; e WATTS, Micheal. *Afflicted Powers: Capital and Spectacle in a New Age of War (2005)*. In: SCHECHNER, R. Op Cit.

¹¹ In: SCHECHNER, R. Op Cit.

implica numa inclusão natural dos aspectos religiosos, políticos e éticos que envolvem essa experiência coletiva objetiva e subjetivamente.

Schechner chega a explorar um pouco as conseqüências econômicas e também religiosas do acontecido, mas na busca dessa autonomia para a arte, prossegue sua reflexão amparado por Burke, Hegel, e o sublime. Ele não alcança, no entanto, nenhum ponto que nos tenha parecido elucidativo do problema que está posto na mesa. Talvez porque o que ora está apontado enquanto arte ressoa inequivocamente nesses outros âmbitos da experiência social. Parece, a autonomia da arte não é possível nesse jogo.

Na Grécia Antiga, essas esferas da ética, da política e da religião também estiveram profundamente relacionadas à arte a ponto de, entre elas, ser difícil afirmar uma distinção da maneira que podemos hoje – esses âmbitos se permeavam mutuamente, diziam respeito a uma totalidade. As epopéias homéricas não eram belas obras literárias, como poderia parecer numa perspectiva vulgar, elas eram a própria sabedoria daquele povo, a tábula sagrada onde se inscreviam os códigos que guiavam a conduta e os deveres e os direitos de toda uma sociedade.¹² Durante a idade média, mais uma vez, essas esferas se encontram reunidas. São séculos de obras arquitetônicas, afrescos, vitrais e músicas cujas assinaturas e idiosincrasias dos criadores artistas se diluem nas representações das potências - divina e transcendental – da igreja e das monarquias feudais. Os objetos de arte eram experimentados, acima de tudo, a partir de seu valor de culto.

Osama Bin Laden, alguns dias depois dos atentados, divulgou uma declaração na qual proferia as seguintes palavras:

Deus todo poderoso atingiu os Estados Unidos em seu ponto mais vulnerável. Ele destruiu seus prédios mais magníficos. Louvado seja Deus. Aqui está os Estados Unidos. Foi tomado de terror de norte a sul, de leste a oeste. Louvado seja Deus¹³.

Os pilotos suicidas cumpriam uma missão divina – eram o próprio manifestar da vontade sagrada de deus na terra. Se formos capazes de deslocar nosso ponto de vista para a percepção dos afegãos, reconheceremos seu forte valor de culto.

Por outro lado, a exposição massiva, o fenômeno midiático desses atentados, que divulgou os pormenores mais dolorosos acontecidos, foi o próprio álibi que garantiu o apoio

¹² No capítulo, “Homero como educador”, essas idéias estão muito bem desenvolvidas por Jaeger em seu *Paidéia*.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. P. 61 à 84.

¹³ LADEN, Osama Bin. In: SCHECHNER, R. Op Cit.

da opinião pública para que se declarasse uma nova guerra: a guerra contra o Terror. Nesse sentido, podemos aproximar o evento de suas dimensões políticas.

O exercício da arte atrelado a intenções declaradamente políticas e éticas está presente na história em situações tão distintas quanto o teatro de Brecht e o totalitarismo. Assim alcançamos novamente nosso objeto mais abrangente de investigação, a estetização da política no começo do século XXI.

Se os próprios afegãos se aventurassem a vislumbrar o mundo a partir deste despojamento das possibilidades de verdade acerca dos valores, das crenças, das regras e padrões que justificam o viver ocidental contemporâneo – provavelmente (e não sem abusar de uma maldosa ironia), a visão de Osama Bin Laden sobre seu próprio gesto seria muito semelhante àquela que propôs Stockhausen.¹⁴ Mas não há, de fato, na maldade por trás dessas palavras, esse tom estranhamente fascista?

Até hoje, 8 anos depois, a fumaça turva a compreensão dos propósitos que geraram esse acontecimento e todos os seus desdobramentos. Especular sobre inocentes e culpados faz-nos perder de vista que em se tratando de guerra vencidos e vencedores se confundem. Se é assim, em nome do quê a guerra se perpetua? Em seu contexto particular a resposta de Benjamin é praticamente a nossa pergunta.

A guerra que esse clarão ilumina não é nem a “eterna” que os novos alemães invocam, nem a “última”, com que se entusiasmam os pacifistas. Na realidade, é apenas isto: a única, terrível e derradeira oportunidade de corrigir a incapacidade dos povos para ordenar suas relações mútuas segundo o modelo das suas relações com a natureza, através da técnica.¹⁵

Com a diferença de que sabemos pela experiência hoje que a técnica não se tornou um meio eficaz para realizar essa conciliação, já que ela é controlada por intenções avessas a qualquer conciliação. Que outro meio dispomos para corrigir essa triste incapacidade? Será que a humanidade será capaz de, ainda nesse tempo, encontrar meios eficientes para que

¹⁴ “In a word, hermeneutic terrorism becomes a powerful weapon, by leaving the gaps or blanks in its message available for ad-libbing. One can almost talk of an interactive terrorism, of a karaoke of sorts. I am amazed to see that so many artists or intellectuals have been ready and willing to sing in tune with the September 11 terrorists, and that the improvised statements of Gunther Grass, Arundhati Roy, Karl-Heinz Stockhausen, Jean Marie Straub, Daniele Huillet could hardly be distinguished from those of Bin Laden himself [...].”

DAYAN, Daniel. *Media, the intifada and the aftermath of September 11*. In: SCHECHNER, R. Op Cit

¹⁵ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Teorias do fascismo alemão. P.72.

opere, de uma vez por todas, segundo as potências de vida e abundância que pulsam a natureza?

Referências

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

DETIENE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Vol 1. Tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: EDUSP, 2001.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. *O Capital*. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SCHECHNER, Richard. "Five avant-gardes... or none?". Conferência apresentada por Richard Schechner através de vídeo-conferência em Belo Horizonte e São Paulo, dentro da programação do ECUM 2008 – Encontro Mundial de Artes Cênicas.

_____. "9/11 as avant-garde art?". Artigo, ainda não publicado, que o autor nos enviou pessoalmente por e-mail.